

## DECOLONIALISMO E AUTORREPRESENTAÇÃO INDÍGENA EM *TERRA VERMELHA*, DE BRÔ MC'S

Rodrigo Bento Correia<sup>1\*</sup>, Profa. Dra. Célia Regina Delácio Fernandes<sup>2</sup>.

1. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD;
2. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD;

\* Autor para contato: [rodrigocorreia@ufgd.edu.br](mailto:rodrigocorreia@ufgd.edu.br)

**Resumo:** O presente trabalho busca refletir acerca das práticas decoloniais e autorrepresentacionais presentes na letra de *Terra Vermelha*, do grupo indígena de rap, Brô MC's (2015). Formado por jovens das etnias Guarani e Kaiowá, que residem na Reserva Indígena de Dourados –RID, o grupo figura como o primeiro coletivo artístico a se apropriar do rap para a criação de uma narrativa que possa ultrapassar os limites da reserva e confrontar o imaginário coletivo a respeito dos povos indígenas, bem como oferecer um discurso contra-hegemônico no combate à invisibilização e subalternização à que estão expostos as populações indígenas na contemporaneidade. Ao incorporarem ao seu repertório a escrita e o rap enquanto linguagem de comunicação, o grupo promove uma assimilação de elementos epistêmicos do universo ocidental que Daniel Munduruku (2018) defende como imprescindível para transformar a memória em identidade e reafirmação cultural. Dessa forma, é possível perceber que, ao passo em que se aproximam do repertório não indígena, os Brô MC's frustram as expectativas do discurso hegemônico, que enxerga nesta prática o abandono de sua cultura tradicional. Por meio da escrita e do rap, os artistas projetam suas vozes para espaços que antes lhes eram negados e passam a se retratar a partir de seus próprios valores culturais, sociais e através de sua própria língua, criando um discurso onde o subalterno (SPIVAK, 2010) tem a possibilidade de falar por si, sem o auxílio de interlocutores inseridos no universo colonial e hegemônico. A letra de *Terra Vermelha*, de forma poética, apresenta uma metáfora ao relacionar o vermelho característico do solo da região da cidade de

Dourados com a ideia, recorrente entre os povos indígenas, de uma terra vermelha manchada pelo sangue de indígenas mortos ao longo do processo de colonização e em razão dos conflitos pela posse da terra que são tão constantes, especialmente no estado de Mato Grosso do Sul. A partir desta ideia, a obra segue trazendo narrativas que refletem o passado para criar um panorama do “ser indígena” na atualidade. Como resultado, é possível entender a obra *Terra Vermelha* como uma importante contribuição a um movimento indígena que, a partir da década de 1970, passou a se organizar coletivamente como o objetivo de fortalecer o discurso dos povos indígenas como enfrentamento ao silenciamento secular ao qual foram submetidos (KRENAK, 2019) e contra o qual têm lutado desde então. Falando das periferias do interior do Sul de Mato Grosso do Sul, os Brô MC’s trazem para a cena a contundente ideia de que os povos indígenas seguem firmes em sua cultura e cada vez mais atentos à incorporação e apropriação de ferramentas epistêmicas e técnicas que os possam auxiliar em sua “guerra” contra as sistemáticas investidas do neocolonialismo e de tentativas de apagamento cultural.

**Palavras-chave:** *Terra Vermelha*, Brô MC’s, literatura indígena.